



ROMANCE

# A FORTUNA

*Cynthia D'Aprix Sweeney*

“Sim! Os Plumb são os típicos nova-iorquinos neuróticos sobre os quais adoramos ler. (HBO, para quando a série de televisão?)”

***The Washington Post***



PRIMEIRA PARTE

---

# NEVE EM OUTUBRO



## UM

Como os três Plumb tinham concordado ao telefone, na noite anterior, que não deviam beber na presença do seu irmão Leo, estavam todos – sem o saberem – sentados em bares diferentes dentro e à volta da estação Grand Central, a saborear um furtivo *cocktail* antes do almoço.

Estava uma estranha tarde de outono. Dois dias antes, um temporal vindo de nordeste rugira pela costa atlântica acima, na metade superior dos Estados Unidos, colidindo com uma frente fria que se deslocava do Ohio para leste e uma massa ártica que descia do Canadá. A tempestade resultante fizera cair uma quantidade de neve que batera recordes em alguns pontos do país, cobrindo cidades da Pensilvânia até ao Maine com um inverno aberrantemente precoce. Na pequena povoação suburbana a cinquenta quilómetros a norte de Manhattan, onde vivia Melody Plumb, a maior parte das árvores ainda carregava a sua folhagem outonal e muita tinha sido destruída ou danificada pela neve e o gelo. As ruas estavam pejadas de ramos caídos, algumas povoações continuavam sem eletricidade e o presidente da Câmara falava em cancelar as festividades do Dia das Bruxas.

Apesar do frio que persistia e de umas quebras de energia aqui e ali, a viagem de Melody de comboio até Manhattan decorreu sem incidentes. Instalara-se no bar do átrio do Hyatt Hotel, na Rua 42, onde sabia que não esbarraria no irmão nem

na irmã; sugerira que almoçassem no restaurante do hotel em vez de no lugar habitual, o Oyster Bar de Grand Central, e Jack e Beatrice tinham feito troça dela, porque o Hyatt não entrava na lista de locais que eles consideravam aceitáveis de acordo com um qualquer critério arcano que ela não tinha o mínimo interesse em descodificar. Recusava-se a continuar a sentir um complexo de inferioridade em relação aos irmãos, recusava-se a ser menosprezada só por não partilhar da veneração deles por tudo o que fosse típico da Manhattan antiga.

Sentada a uma mesa perto dos janelões, no andar de cima do átrio enorme do hotel (que era, tinha de admitir, tudo menos acolhedor: demasiado grande, cinzento e moderno, com uma espécie de escultura horrível feita de tubos de aço, à espreita lá no alto; parecia que conseguia ouvir os comentários trocistas de Jack e Bea, era um alívio eles não estarem ali), Melody pediu o copo de vinho branco mais barato (doze dólares, mais do que gastaria numa garrafa inteira em casa!) e esperou que o empregado de bar fosse generoso a servir.

O tempo mantivera-se invulgarmente frio desde a tempestade, mas o sol raiava finalmente por entre as nuvens e as temperaturas começavam a subir. As pilhas de neve em todas as passadeiras do centro estavam a derreter rapidamente, transformando-se em poças de lama e gelo inavergáveis. Melody observou uma mulher particularmente pouco elegante a tentar saltar por cima da água e a falhar por centímetros, aterrando com a sabrina vermelho-viva em cheio na poça, que devia estar gelada e imunda. Melody adorava ter um par de sapatos assim, tão delicados, mas teria o bom senso de não os usar num dia como aquele.

Sentiu uma pontada de ansiedade, ao pensar nas suas filhas a caminho da alta da cidade, a terem de abrir caminho através de tanta esquina de rua traiçoeira. Bebeu um gole de vinho (assim-assim), tirou o telemóvel do bolso e abriu a sua aplicação favorita, a que Nora chamava Assédioville. Tocou no botão

«procurar» e esperou que o mapa carregasse e as pintas que representavam as suas gémeas de dezasseis anos aparecessem no ecrã.

Melody ainda tinha dificuldade em acreditar na existência de um aparelho portátil que lhe permitia saber o paradeiro exato de Nora e Louisa, desde que elas tivessem os telefones consigo. E como eram adolescentes, andavam *sempre* com o telemóvel. Quando o mapa começou a aparecer, ela sentiu as habituais palpitações de pânico até os circulozinhos azuis pulsantes e a palavra *Encontrada!* surgirem no cimo do ecrã, mostrando que as duas raparigas estavam exatamente onde deviam estar, na alta da cidade, no centro de explicações para os exames de admissão à universidade.

Tinham aulas ao fim de semana há cerca de um mês e, geralmente, Melody seguia o trajeto delas, sentada à mesa da cozinha, vendo as pintas azuis deslizarem lentamente da Grand Central para norte, de acordo com as suas indicações meticolosas: da estação de comboios, deviam apanhar o autocarro da Madison Avenue para a Rua 59, onde desceriam e se dirigiriam para oeste até ao centro de explicações, situado na Rua 63, perpendicular à Columbus Avenue. O que *não* deviam fazer era caminhar do lado do parque Dante, deviam passar pelo lado sul da rua, diante da sucessão de porteiros fardados, que as ouviriam gritar se houvesse algum problema. Estavam estritamente proibidas de entrar no Central Park e de se desviarem do seu trajeto. Todas as semanas, Melody infundia-lhes um medo dos diabos, enchendo-lhes as cabeças com histórias de raparigas raptadas ou perdidas, que depois eram obrigadas a prostituir-se ou então assassinadas e despejadas no rio.

«O Upper West Side não é propriamente Calcutá», argumentava o marido carinhosamente, mas ela tinha medo. A ideia de as filhas andarem pela cidade sem ela para as proteger deixava-a com o coração aos pulos e as mãos suadas. Estavam a suar naquele instante. Quando as três desceram na Grand Central,

nessa manhã, Melody tivera dificuldade em separar-se delas. Aos sábados, a estação estava cheia de turistas a consultarem guias e horários de comboios e a procurarem a Galeria dos Sussurros. Despedira-se com um beijinho e ficara a vê-las afastar-se até deixar de lhes vislumbrar as nuças, uma loura, a outra morena. Não pareciam turistas, não havia nada de hesitante na maneira como se deslocavam entre a multidão. Tinham ar de quem pertenciam à cidade, o que deixava Melody apavorada. Queria que lhe pertencessem a si, que era mãe delas, que parassem de crescer. Já não lhe contavam todos os pensamentos que lhes iam na cabeça, nem os desejos e preocupações; ela já não lhes conhecia o coração e a mente como dantes. Melody sabia que deixá-las crescer e partir era a ordem natural das coisas. Queria que fossem fortes, independentes e felizes – acima de tudo, queria que fossem *felizes* –, mas o facto de já não ter acesso ao que se passava dentro delas desestabilizava-a. Se não podia ter certezas sobre a maneira como estavam a lidar com o mundo, pelo menos podia *vê-las* atravessar o mundo, num ecrã na palma da sua mão. Podia, pelo menos, ter esse direito.

– O Leo nunca vos vai pagar o que deve – dissera Walter, quando ela estava de saída para a estação de comboios. – Vocês estão todos a sonhar, a perder tempo.

Embora Melody receasse que ele tivesse razão, precisava de acreditar que não era verdade. Tinham pedido muito dinheiro emprestado para comprar a casa, um edifício pequenino mas histórico, situado numa das ruas mais bonitas da zona e, de repente, a economia desabara e os preços dos imóveis tinham caído a pique. A taxa de juros variável preparava-se para subir e, mesmo que não subisse, eles já não conseguiam suportar as prestações do empréstimo. Como o valor residual da casa era pequeno, não podiam renegociar os termos do empréstimo. Estava quase na hora de as miúdas irem para a faculdade e eles não tinham praticamente nada no banco; ela contara com a Fortuna.

Melody viu as pessoas, na rua, a descalçarem as luvas e a despertarem os cachecóis, a erguerem os rostos para o sol.



Sentiu uma pontadazinha de satisfação por saber que podia passar a tarde inteira abrigada, se quisesse. A principal razão pela qual Melody adorava o bar do Hyatt era porque podia aceder ao espaço através de um corredor banal e com pouco movimento que ligava o hotel à Grand Central. Quando chegasse a hora do almoço, regressaria à estação pelo seu corredor secreto e desceria as escadas até ao Oyster Bar. Passaria horas em Nova Iorque sem ter de pôr um único pé (adequadamente calçado) lá fora e sem ter de respirar o ar de Manhattan, que sempre considerara pejado de partículas de poluição. Durante o curto período em que ela e Walt viveram em Upper Manhattan (na alta da alta), onde as gémeas nasceram, ela travara uma batalha feroz e vã contra a fuligem da cidade. Por mais que limpasse as madeiras com um pano húmido, os flocos pretos voltavam a aparecer, por vezes ao fim de umas escassas horas. Como não tinham uma origem óbvia, ela achava os resíduos preocupantes. Pareciam-lhe uma manifestação física da deterioração da cidade, das massas ululantes que estavam a ser reduzidas a pó cinzento e gorduroso nas janelas.

Vislumbrou outra mulher sentada em frente, de copo de vinho na mão, e demorou um instante a reconhecer o seu próprio reflexo. Tinha o cabelo mais louro do que era hábito, escolhera um tom mais claro na farmácia e esperava que a cor lhe atenuasse o nariz comprido e o queixo forte que ela e a irmã, Beatrice, tinham herdado, do lado paterno, dos antepassados da Nova Inglaterra. Inexplicavelmente, as feições fortes que resultavam a favor de Bea (*Madame X*, como Leo costumava chamar a Bea, por causa do retrato de John Singer Sargent) davam um ar involuntariamente severo a Melody. O seu rosto desagradava-lhe em especial na época do Dia das Bruxas. Um ano, quando as miúdas eram pequenas e foram as três comprar disfarces, Nora apontara para um anúncio com uma bruxa – que não era excessivamente feia, não tinha verrugas, nem a cara verde, nem dentes podres, mas não deixava de ser uma bruxa

– debruçada sobre um caldeirão a ferver e exclamara: «Olhem! É a mamã!»

Melody pegou na conta que estava em cima da mesa e entregou-a ao empregado, juntamente com um cartão de crédito. *Ele nunca vos vai pagar o que deve*, dissera Walt. *Ai, vai, vai*, pensou Melody. Era impensável que uma noite de estupidez de Leo, uma noite de deboche, desse cabo do futuro das filhas dela, não quando eles tinham trabalhado tanto, não quando ela incitara as miúdas a sonhar em grande. Elas *não* iriam para uma universidade estatal!

Melody olhou novamente para o mapa no seu telefone. Havia outra razão privada para gostar tanto das pintinhas azuis com as suas ondas animadas; lembravam-lhe a primeiríssima ecografia em que ela e Walt tinham visto dois corações a bater, duas sombras cinzentas e disformes a ressoarem arritmicamente nas profundezas da sua pélvis.

*Dois pelo preço de um*, dissera o técnico alegre, enquanto Walt agarrava na mão dela e olhavam ambos para o ecrã e depois um para o outro e sorriam, quais ingénuos sonhadores que eram. Lembra-se de pensar nesse instante: *Melhor do que isto é impossível*. E, de certo modo, tivera razão, percebera, já naquela altura, que nunca mais se sentiria tão capaz, uma protetora tão valente, a partir do momento em que pusesse aqueles coraçõezinhos vulneráveis e palpitantes no mundo.

O empregado aproximou-se dela com uma expressão inquieta no rosto. Ela suspirou e abriu novamente o porta-moedas.

– Lamento – disse ele, devolvendo-lhe o cartão de crédito que ela esperara que tivesse um bocadinho mais de saldo disponível –, mas foi recusado.

– Deixe estar – respondeu Melody, desenterrando o cartão secreto que ativara sem dizer nada a Walt; ele matava-a se soubesse. Da mesma maneira que a mataria, se descobrisse que o centro de explicações na cidade, embora fosse mais barato do que o explicador particular suburbano que ela quisera contratar, era,

ainda assim, duas vezes mais caro do que ela admitira e por isso precisara do cartão adicional.

– Enganei-me no cartão. – Observou o empregado, de volta ao seu posto, enquanto ele passava o cartão pelo leitor, e ficaram ambos absolutamente imóveis, só soltando o ar dos pulmões quando a máquina começou a cuspir o talão.

*Eu gosto da nossa vida*, dissera-lhe Walt nessa manhã, puxando-a para si. *Gosto de ti. Não consegues fingir, nem que seja só um bocadinho, que também gostas de mim?* Sorriu quando o disse, mas ela sabia que, às vezes, ele se preocupava. Descontraíra-se no peito amplo e tranquilizador dele, inspirando o seu cheiro reconfortante a sabonete, camisa lavada e pastilha elástica de mentol. Fechara os olhos e imaginara Nora e Louisa, bonitas e ágeis, de manto e borla acetinada, no pátio verdejante de uma cidadezinha pitoresca da Nova Inglaterra, com o sol matinal a iluminar-lhes os rostos anelantes, o futuro desenrolando-se diante delas como um ondulante novelo de seda. Eram tão inteligentes e bonitas, honestas e bondosas. Queria que tivessem tudo: as oportunidades que ela nunca tivera, as oportunidades que lhes prometera. *Eu gosto de ti, Walter*, murmurara com a boca encostada ao ombro dele. *Gosto imenso de ti. É a mim que odeio.*

Na ponta oposta da Grand Central, ao cimo de um lanço de escadas alcatifado e do lado de lá de umas portas de vidro que diziam CAMPBELL APARTMENT, Jack Plumb estava nesse momento a mandar o seu copo para trás, convencido de que a hortelã não tinha sido verdadeiramente misturada na bebida.

– Limitaram-se a despejá-la no copo como se fosse um elemento decorativo e não um *ingrediente* – queixou-se à empregada de mesa.

Jack estava sentado com o seu companheiro de há duas décadas e marido legal de há quase sete semanas. Tinha a certeza de

que os outros Plumb não conheciam aquele espaço, que era o antigo escritório de um magnata dos anos 20, restaurado e reinventado como bar topo gama. Talvez Beatrice conhecesse, mas não era o tipo de lugar que ela frequentava. Demasiado sério. Demasiado caro. Não se podia ir vestido de qualquer maneira. Às vezes, o bar enchia-se irritantemente de pessoas que trabalhavam na cidade e viviam nos subúrbios e que, naquele sábado à tarde, felizmente eram muito poucas.

– Versão número 2 – brincou Walker, quando a empregada pousou a nova bebida diante de Jack.

Jack bebeu um gole.

– Está ótimo.

– Desculpe o incómodo – disse Walker à empregada.

– Sim – murmurou Jack quando a empregada se afastou, baixinho mas suficientemente alto para que Walker o ouvisse –, peço imensa desculpa por a obrigar a fazer o seu trabalho.

– Ela só traz as bebidas, não as faz. – Walker manteve um tom simpático, porque Jack estava com os azeites. – Olha, bebe uma dose generosa do teu *cocktail* e relaxa.

Jack tirou um pedaço de hortelã do copo e mastigou-o um segundo.

– Diz-me lá uma coisa – começou. – Desde quando é que mandar uma pessoa relaxar ajuda? É como dizer «respira» a alguém que esteja a hiperventilar ou «engole» a uma pessoa que se esteja a engasgar. É um daqueles conselhos que não servem para nada.

– Eu não estava a dar conselhos, estava a fazer uma sugestão.

– É como dizer: Podes fazer o que quiseres, menos pensar num elefante cor-de-rosa.

– Já percebi – respondeu Walker. – E que tal *eu* relaxar enquanto tu fazes o que te apetece?

– Obrigado.

– Não me importo nada de ir contigo ao almoço, se achares que ajuda.

– Já disseste isso. Para aí umas mil vezes. – Tentar provocar Walker era mesquinho e inútil, mas, apesar de tudo, Jack estava a esforçar-se por isso, porque sabia que irritar-se com Walker afrouxaria, por breves instantes, o nó da espiral de fúria que sentia no seu âmago. E, de facto, *tinha* pensado em convidar Walker para o almoço. Até porque a sua família preferia a companhia de Walker; aliás, como toda a gente. Walker com o seu riso troante, o seu rosto simpático e a sua bonomia sem fim. Parecia um Pai Natal sem barba, ligeiramente mais magro e *gay*.

Mas Jack não podia convidar Walker, porque ainda não contara aos outros Plumb que se casara no início de setembro, casamento para o qual eles não tinham sido convidados, porque Jack queria que o dia fosse perfeito e, a seu ver, perfeito significava sem os Plumb. Não queria ouvir as preocupações de Bea sobre o acidente de Leo, nem ouvir o marido trapalhão de Melody dizer a toda a gente e mais alguma que se chamava Walter e não Walker. (O facto de Jack e Melody terem escolhido companheiros com um nome quase igual era uma coisa que ainda os enervava a ambos, passadas décadas.)

– Desculpa ter-me irritado contigo – disse Jack, por fim.

Walker encolheu os ombros.

– Não tem mal, amor.

– Desculpa eu estar a ser tão idiota. – Jack rodou o pescoço, à espera de ouvir o estalar assustador, mas gratificante, que surgira recentemente. Meu Deus, estava a ficar velho. Faltavam seis anos para os cinquenta e sabia lá o que o esperava nessa década, que novos horrores estariam reservados para o seu corpo esguio mas a perder a tonicidade, para a sua memória já com falhas e o seu cabelo preocupantemente ralo. Olhou para Walker com um sorriso pouco convicto. – Isto passa depois do almoço.

– Aconteça o que acontecer ao almoço, nós ficamos bem. Vai correr tudo *bem*.

Jack afundou-se ainda mais na poltrona de cabedal e pôs-se a estalar os dedos de cada mão, um som que ele sabia que Walker

detestava. É claro que Walker pensava que ia correr tudo *bem*. Walker não sabia nada sobre as ruas da amargura em que andavam as finanças de Jack (outro motivo pelo qual Jack não queria que ele fosse ao almoço, caso surgisse a oportunidade de dizer a Leo exatamente quanto é que a escapadelazinha dele nas estradas secundárias de Long Island lhe estava a custar). A poupança-reforma deles levava um duro golpe em 2008. Arrendavam o mesmo apartamento em West Street desde que estavam juntos. A lojinha de antiguidades de Jack, na West Village, nunca fora particularmente lucrativa, mas nos últimos anos já ficava satisfeito se não desse prejuízo. Walker era advogado, independente, e sempre fora o ganha-pão daquela relação. O único investimento de ambos fora uma casa de férias modesta, mas muito acarinhada, em North Fork, que Jack andava a usar, em segredo, como garantia para pedir dinheiro emprestado ao banco. Contara com a Fortuna, não só para pagar o empréstimo da casa, mas também por ser a única coisa que tinha para oferecer a Walker como contributo para o seu futuro conjunto. Não acreditava minimamente que Leo estivesse falido. E estava-se nas tintas. Queria simplesmente receber o que lhe era devido.

Jack e Leo eram irmãos, mas não eram amigos. Raramente se falavam. Por vezes, Walker insistia com ele («não se desiste da família»), mas Jack esforçara-se muito por se distanciar dos Plumb, em especial de Leo. Na companhia de Leo, Jack sentia-se uma versão menor do seu irmão mais velho. Menos inteligente, menos interessante, menos bem-sucedido, uma identidade que se colara a ele no liceu e nunca desaparecera por completo. No início do nono ano, alguns dos amigos de Leo tinham dado a Jack a alcunha *Leo Light* e o nome infame perdurara, mesmo depois de Leo ter terminado o liceu. No primeiro mês de aulas na faculdade, Jack cruzara-se com um tipo da sua terra natal que o cumprimentara automaticamente dizendo: «Olá, Light, tudo bem?» Jack quase lhe dera um murro.

A porta do bar abriu-se e um grupo de turistas entrou em magote, trazendo consigo uma lufada de ar demasiado frio para outubro. Uma mulher mostrou a toda a gente os sapatos enso-  
pados, umas sabrinas baratas num vermelho de mau gosto.

– Estão completamente estragadas – disse aos amigos.

– Há males que vêm por bem – disse Jack a Walker, fazendo um aceno de cabeça na direção das sabrinas.

– Não convém atrasares-te. – Walker levantou o pulso, mostrando-lhe o relógio que tinha sido uma prenda de casamento de Jack, um Tank raro da *Cartier*, dos anos 40, em perfeito estado. Custara uma pequena fortuna, nem passava pela cabeça de Walker quanto fora. Mais uma coisa para o deixar com rancor de Leo e da merda que ele fizera: agora, Jack não conseguia olhar para nada do que possuíam sem colar mentalmente a cada objeto uma etiqueta de néon enorme com o preço, arrependendo-se por breves instantes de cada uma das compras que fizera no último ano, *anos*, incluindo as despesas significativas acarretadas pela cerimónia do casamento que, tirando o custo, fora idílica.

– Adoro este relógio – disse Walker, e a ternura na voz dele fez com que Jack tivesse vontade de atirar o copo contra a parede de tijolos em frente. Quase que sentia o doce alívio que o inundaria quando o cristal de chumbo se partisse em mil pedacinhos. Em vez disso, levantou-se e colocou o copo em cima da mesa, com força.

– Não deixes que eles te aborreçam – aconselhou Walker, pousando uma mão reconfortante no braço de Jack. – Ouve o que o Leo tem para vos dizer e depois falamos.

– Está bem. – Jack abotoou o casaco, desceu as escadas e transpôs a porta que dava para a Vanderbilt Avenue. Precisava de apanhar um pouco de ar antes do almoço; era capaz de ir dar uma volta ao quarteirão. Enquanto abria caminho por entre a multidão lenta de fim de semana, ouviu alguém a chamá-lo. Virou-se e demorou um minuto a reconhecer a mulher de boina, sorrindo desenfreadamente por cima de um cachecol

tricotado rosa e laranja, a dizer adeus e a chamá-lo. Deteve-se, viu-a aproximar-se e, apesar de tudo, deu por si a sorrir. Beatrice.

Beatrice Plumb era uma cliente habitual do Murphy's, um dos *pubs* alinhados no curto troço da Rua 43 perpendicular à estação Grand Central e que eram frequentados por muita gente que vivia nos subúrbios e trabalhava na cidade. Bea dava-se bem com o dono, Garrie, um velho amigo de Tuck, da Irlanda. Tuck aprovava a maneira como Garrie tirava uma cerveja e como, quando o bar tinha pouco movimento, cantava na sua voz leve e rouca de tenor «Come Out Ye Black and Tans» ou «The Ballad of Ballinamore», do seu repertório de canções rebeldes irlandesas, em vez dos habituais «Danny Boy» ou «Wild Rover» para turistas. Garrie fora uma das primeiras pessoas a aparecer em casa de Bea, quando Tuck morrera. Tirara uma garrafa de litro de *Jameson* do bolso do casaco e servira um copo para cada um. «Ao Tuck», dissera solenemente. «Que a estrada se eleve ao seu encontro.» Às vezes, a uma certa luz, Bea achava Garrie atraente. Às vezes, achava que ele tinha uma paixoneta por ela, mas não queria averiguar melhor... era demasiado próximo de Tuck.

– Vens muito cedo, hoje – comentou Garrie, quando ela chegou um pouco antes do meio-dia.

– Almoço de família. Quero um café pingado.

Garrie abriu a garrafa de *Jameson* e verteu uma dose generosa na caneca antes de lhe acrescentar o café. O sol estava forte e suficientemente baixo no céu limpo para encandear Bea um instante, quando se sentou no seu lugar preferido, ao lado da pequena janela da entrada. Levantou-se e mudou o banco periclitante para a sombra, afastado da porta. Mais parecia janeiro do que outubro. O *pub* cheirava a fornalha, esfregona suja e cerveja. «O aroma dos deuses», dizia Tuck. Era uma das suas coisas prediletas, um bar penumbroso numa tarde soalheira. A *jukebox* começou a tocar e Rosemary Clooney e Bing Crosby cantaram



«Baby, It's Cold Outside». Bea e Garrie trocaram um sorriso trocista. As pessoas tinham uma reconfortante falta de imaginação.

Bea estava desejava de ver Leo, mas nervosa, também. Ele não atendera nenhuma das suas chamadas, na clínica de desintoxicação. Provavelmente estava furioso com eles todos. Ela tinha curiosidade em ver a cara dele. Da última vez que o vira, naquela noite, no hospital, os médicos estavam a coser-lhe o queixo e ele parecia lívido e petrificado. Meses antes do acidente já ele andava com um péssimo aspeto: inchado, cansado e perigosamente entediado.

Bea tinha medo de que o almoço se tornasse agressivo. Jack e Melody estavam cada vez mais revoltados por causa da Fortuna e ela depreendia que iriam ambos preparados para reivindicar as suas necessidades. Aquilo que Bea precisava que Leo lhe desse não era a sua principal preocupação. Nesse dia, queria manter os seus irmãos normalmente antipáticos minimamente simpáticos, nem que fosse só durante uma tarde, o tempo suficiente para conseguir que Leo... bom, não sabia muito bem o que queria. Elaborar um plano qualquer para apaziguar Jack e Melody durante uns tempos, de maneira a que Leo tivesse espaço suficiente para respirar e não os afastasse por completo... nem fugisse.

Sentiu o *whiskey* soltar-lhe os braços e as pernas, desconstrair-lhe os nervos. Tirou o saco do banco. Bastou sentir-lhe o peso para ficar empolgada. Bea era escritora (Tinha sido escritora? Era uma escritora que – até há muito pouco tempo – deixara de escrever? Nunca sabia como se definir.) Às vezes, agora já não com frequência, mas de vez em quando ainda acontecia, alguém na revista literária onde ela trabalhava reconhecia o seu nome. *Beatrice Plumb? A escritora?*, começava a conversa, em tom otimista. Por essa altura, já conhecia a sequência, o brilho feliz do reconhecimento seguido do sobrolho confuso, quando a pessoa tentava evocar uma recordação recente do trabalho dela, qualquer coisa que não os seus contos de há muito tempo.

Depois de uma década de treino, sabia como se esquivar ao inevitável. Tinha um punhado de respostas, à laia de manobras de diversão, para atalhar as perguntas acerca do seu tão aguardado romance: uma piada autodepreciativa já muito gasta sobre o seu ritmo de escrita demasiado lento, se amortizasse ao longo dos anos o avanço que a editora lhe dera, seria melhor fazer as contas ao salário que recebia por hora em meios tostões; uma superstição, falsa, que a impedia de falar sobre uma obra que ainda não estava terminada; exasperação divertida por causa do seu *perfeccionismo* sem fim.

Do seu saco enorme de lona tirou uma sacola de couro castanho-escuro, que Leo tinha visto quando andava a passear pelo mercado de Portobello Road, em Londres, havia anos, quando ela estava na faculdade e começara a escrever a sério. Ofereceu-lha no seu aniversário. Datava do início do século xx e era do tamanho de um caderno grande de apontamentos e parecia uma pasta em miniatura, com uma pequena pega e tiras de cabedal, o tipo de objeto que uma pessoa teria usado em Viena na viragem do século. Ela adorara-a e considerara-a o seu amuleto da sorte, até achar que toda a sorte que em tempos tivera se desvanecera. Havia umas semanas, encontrara a sacola numa prateleira alta de um armário e levava-a ao sapateiro do bairro para remendar uma das tiras. Tinham limpo e engraxado a pele e a pasta ficara como nova, só com aquela pátina ideal deixada pelo tempo e pelo uso, como se tivesse servido para guardar anos e anos de manuscritos de sucesso. Desapertou as tiras e abriu a aba para tirar o maço de folhas cobertas com a sua caligrafia cheia de curvas. Bea escrevera mais nos últimos meses do que nos últimos anos.

E o que andava a escrever era muito bom.

E sentia-se horrível.

\*

Quando ela acabara o curso, havia anos, Leo convencera-a a trabalhar numa revista que ele ajudara a lançar, numa época em que lançar uma revista ainda não era uma pura loucura. A *SpeakEasy* era inteligente e suficientemente irreverente para ser um nadinha escandalosa, o que a tornou um êxito imediato no mundo insular dos *media* de Nova Iorque, que era precisamente o meio de que a revista troçava impiedosamente. Leo escrevia uma crónica todos os meses, notícias dos *media* apimentadas com mexericos que gozavam abertamente com a velha guarda da cidade, pejada de dinheiro herdado e nepotismo e ridiculamente insular. A crónica tornou-o um pouquinho famoso e muitíssimo detestado. A revista abriu falência ao fim de uns quantos anos, mas quase toda a gente que trabalhara na redação foi contratada por empresas maiores ou escreveu romances *best-seller* ou se dedicou a outros projetos literários altamente respeitados.

Durante muito tempo, Leo fora a principal história de sucesso. Conseguira recrutar alguns dos funcionários mais jovens para lançar uma versão *online* da *SpeakEasy*, com sede no seu apartamento minúsculo. Manteve o tom zombeteiro e alargou o âmbito, atacando todas as pessoas e empresas que considerava criticáveis, fazendo o negócio evoluir de um *site* para dezassete, no espaço de quinze meses. Passados três anos apenas, Leo e o sócio venderam o seu pequeno império a um conglomerado de comunicação social por uma pequena fortuna.

Bea ainda tinha saudades dos primeiros tempos da revista *SpeakEasy*. A redação parecia uma ruidosa colónia de férias, onde todos os miúdos eram inteligentes e divertidos e percebiam as piadas e aguentavam bem o álcool. Nessa época, fora Leo quem a incitara a terminar os primeiros contos. Fora Leo quem ficara a pé até tarde a dissecar os parágrafos dela, a tornar os textos melhores, mais coesos e engraçados. Fora Leo quem dera o seu primeiro conto ao editor de ficção da *SpeakEasy* (Paul Underwood, seu atual chefe) para publicar na edição inaugural

de contos: «As vozes mais novas de Nova Iorque: Os autores que todos deviam ler». Fora Leo quem usara a fotografia dela na capa da revista (com a legenda muito ao estilo *SpeakEasy*: «A irmã do editor escreveu o nosso conto preferido, comam e calem-se!»). Essa foto de Bea ainda aparecia a acompanhar um ou outro artigo comemorativo sobre a *SpeakEasy* («Que é feito deles?») ou sobre o grupo de jovens escritoras, entre elas Bea, que um jornalista qualquer alcunhara enervantemente de «As Beldades Literárias». A fotografia fora tirada na Mott Street, em Chinatown, à frente de uma montra com patos de Pequim reluzentes pendurados em ganchos prateados, com as cabeças todas a olhar para o mesmo lado. Bea levava um vestido amarelo-vivo com a saia rodada e segurava numa sombrinha lacada a verde e pintada com peónias diminutas, brancas e cor-de-rosa, por cima do ombro. As longas tranças que ainda usava na altura eram de um tom escuro, castanho-acobreado, presas no pescoço. De queixo baixo, olhos fechados, com o perfil banhado pelo sol de um entardecer em agosto, parecia uma aparição dos tempos modernos. A fotografia vinha na badana do seu primeiro (e único) livro. Durante anos, a sombrinha verde estivera dependurada do teto por cima da sua cabeça. Ainda tinha aquele vestido amarelo algures.

Bea fez sinal a Garrie e ele aproximou-se com mais café e pousou a garrafa de *Jameson* ao lado da caneca dela. Viu-o deitar uma olhadela aos seus apontamentos e desviar apressadamente os olhos. Ao longo dos anos, ouvira-a queixar-se vezes suficientes a Tuck sobre o romance que teimava em não se concretizar para saber que não lhe devia perguntar nada sobre o trabalho, o que a fez sentir-se ainda mais patética, se é que isso era possível.

Leo adorara – e publicara – o primeiro conto dela porque era sobre *ele*. A personagem a que dera o nome Archie era uma versão maldisfarçada de um jovem Leo, um Don Juan cómico, egotista e cáustico. *The Paris Review* publicou o segundo conto

sobre Archie. O terceiro saiu na *The New Yorker*. Depois, ela arranhou uma agente literária, Stephanie, uma amiga de Leo que também estava em início de carreira e que lhe conseguiu um contrato para dois livros por tanto dinheiro que Bea se sentiu zozza e teve de se sentar no gabinete de Stephanie e respirar para dentro de um saco de papel. A sua coletânea de contos (cujo auge, na opinião unânime dos críticos, eram os três contos sobre Archie, «deliciosamente sarcásticos», «hilariantes e inteligentes», «quer goste de Archie quer o deteste, sentir-se-á incapaz de resistir ao seu charme duvidoso») teve vendas *discretas*.

– Não tem mal – disse-lhe Stephanie, na altura. – Tudo isto serve de base para o romance.

Bea perguntou-se se Stephanie e Leo se teriam mantido em contacto um com o outro, se Stephanie saberia sequer o que se passava. A última vez que Bea falara com ela fora havia mais de um ano, num almoço desconfortável na baixa. «Vamos almoçar num sítio qualquer sossegado», escrevera-lhe Stephanie num *e-mail*, avisando Bea de que a conversa sobre o seu romance tirado a ferros e demasiado trabalhado ia ser difícil, embora isso não fosse surpresa.

– Vejo o empenho com que trabalhaste neste manuscrito – dissera Stephanie (generosamente; sabiam ambas que ela não se empenhava no manuscrito havia bastante tempo). – E embora tenha muitas qualidades...

– Oh, meu Deus. – Bea nem queria acreditar que estava a ouvir a frase padrão que ela própria usara tantas vezes, sempre que não conseguia arranjar uma única coisa de positivo para dizer sobre a prosa de alguém. – Por favor, não me venhas com esse paleio das «muitas qualidades». Por favor, diz só o que tens a dizer.

– Tens razão, desculpa. – Stephanie parecia frustrada e à beira da irritação. Parecia mais velha, também, reparou Bea, surpreendida, mas depois depreendeu que ela própria também, com certeza. Stephanie estivera a mexericar num pacote de açúcar,

rasgando-o num dos cantos e, depois, dobrara a ponta e pousara-o no pires. – Pronto, aqui vai. Tudo o que eu adorei nos teus contos, a argúcia, o engenho, a surpresa... tudo o que resultava naquelas páginas... – Stephanie calou-se outra vez e, desta feita, ficou com um ar simplesmente confuso. – Não encontrei nada disso nestas páginas.

A conversa descambara a partir daí.

– Estás a acabar comigo? – dissera Bea, por fim, tentando brincar e aligeirar o ambiente.

– Estou – respondera Stephanie, querendo deixar bem claro o que se passava entre ela e Bea. – Tenho imensa pena, mas estou.

– Quero que o meu livro seja uma coisa em *grande* – anunciara Bea a Stephanie e a Leo, na noite em que celebraram o seu contrato para dois romances, uma longa noite alcoolizada em que o seu entusiasmo era tão puro que conseguia alterar o ambiente de uma sala quando a atravessava, como uma frente meteorológica.

– Isso é responsabilidade minha – respondera Stephanie. – Tu só tens de o escrever.

– Estou a falar da dimensão. Quero que seja ampla. *Indispensável*. Quero brincar um pouco, fazer experiências a nível da estrutura. – Bea fizera sinal ao empregado de mesa e pedira mais uma garrafã de champanhe. Leo acendera um charuto.

– Pode ser interessante fazer experiências – dissera Stephanie, hesitante.

Bea estava muito bêbada e muito feliz e recostara-se no banco estofado, apoiara os pés em cima de uma cadeira, pegara no charuto de Leo e soprara três argolas de fumo, vendo-as pairar em direção ao teto, enquanto tossicava.

– Mas chega de Archie – dissera Leo, abruptamente. – Vamos reformar o Archie, não vamos?

Bea ficara surpreendida. Não planeara escrever mais nenhum conto sobre Archie, mas também não pensara em *reformá-lo*. Olhando para Leo do outro lado da mesa, pigarreou e tentou focar os olhos por entre o fumo e o champanhe e as colherinhas

de coca que snifara na casa de banho, havia umas horas, e pensou: *sim*. Como era aquele versículo da Bíblia? Estava na hora de deixar o que era próprio de criança?

– Sim – dera por si a dizer. – Chega de Archie. – Mostrara-se convicta.

– Ótimo – respondera ele.

– De qualquer maneira, não és assim tão interessante. – Ela devolvera-lhe o charuto.

– Já não é – concordara Stephanie, e Bea fingira não ver os dedos de Stephanie a deslizarem ao longo da coxa de Leo e a desaparecerem por baixo da toalha de linho.

Quantas páginas escrevera desde então? Quantas deitara fora? Demasiadas para conseguir pensar nelas. Milhares. O romance era grande, lá isso era. Quinhentas e setenta e quatro páginas, eis a definição de «grande». Nunca mais queria olhar para ele.

Serviu-se de mais um pouco de *Jameson*, já sem se preocupar com o café, e olhou uma vez mais para as novas páginas que ainda ninguém tinha visto ou sabia sequer que existiam. Não era uma história sobre Archie. *Não era*, a sério. Mas tinha energia e movimento, a mesma ligeireza linguística que surgira tão espontaneamente havia anos e anos e que, a seguir, parecera desaparecer da noite para o dia, como se ela tivesse, de alguma maneira, desaprendido uma aptidão vital enquanto dormia – como apertar os atacadores ou andar de bicicleta ou estalar os dedos – e depois não fosse capaz de perceber como a recuperar.

Stephanie deixara a porta ligeiramente entreaberta, da última vez que se encontraram: se tiveres alguma coisa nova para me mostrar, dissera, *verdadeiramente nova*, podemos falar. Mas, primeiro, Bea teria de mostrar as páginas a Leo. Provavelmente. Eventualmente. Ou não.

– Quando é que vamos ler uma história sobre a *tua* vida? – pergantara ele, um nadinha irritadiço, quando ela publicara o último conto sobre Archie, aquele em que se aproximara um bocadinho de mais das qualidades menos desejáveis dele, mais predatórias. Pois bem, ali estava ela. A usar a sua vida.

Como é que ele se atreveria a protestar? Leo estava em dívida para com ela. Especialmente depois daquela noite no hospital. O que acontecera no passado mês de julho também a envolvera. Também fazia parte da sua vida, não era só da dele.

Nora e Louisa caminhavam ao longo de Central Park West, de mãos dadas, a arfar por terem feito a correr os três quarteirões do centro de explicações até ali, ofegantes de expectativa.

– Aqui vamos nós – disse Nora, apertando a mão de Louisa. – Direitas a uma morte garantida ou à escravidão sexual, ou ambas.

Louisa riu-se, mas estava nervosa. Abandonar as explicações tinha começado como uma brincadeira.

– Podíamos deixar os telemóveis nos cacifos e ir passear – dissera Louisa a Nora, depois de uma sessão insuportável. – A única pessoa que se importa se estamos aqui ou não é a mãe. – Louisa percebeu, pela expressão de Nora, que tinha involuntariamente posto algo de inevitável em marcha. Detestavam ambas as explicações. A professora que lhes dava aulas parecia pouco mais velha do que elas e nunca assentava as presenças, nem se lembrava do nome de ninguém, nem parecia preocupar-se com o que os alunos faziam. «Estas sessões dependem basicamente do vosso trabalho», dizia ela, com ar entediado e sem inspiração, olhando por uma janela que dava para a Columbus Avenue, como se o seu desejo mais fervoroso fosse saltar lá para fora e voltar para o seu precioso fim de semana. «O resultado depende do vosso grau de empenho.»

– És um génio – dissera Nora a Louisa. – 'Bora lá!

– Eu estava a brincar. Os pais estão a pagar estas explicações.

– Está tudo no livro! – Nora sacou do enorme manual de explicações para os exames. – Eles pagaram este livro. A única coisa que a explicadora faz é ler cada capítulo e mandar-nos fazer os exercícios. Podemos estudar no comboio e em casa. Nem sequer é muito difícil. Ainda falta *um ano* para as candidaturas. Ainda só estamos no décimo primeiro ano.



Louisa sentia-se tentada, mas nervosa. Concordava que as explicações eram uma porcaria, mas sentia-se culpada. Passava-se alguma coisa em casa relacionada com dinheiro – passava-se sempre alguma coisa relacionada com dinheiro, nunca havia dinheiro suficiente –, mas, desta vez, parecia diferente e eventualmente mais grave. Os pais passavam muito tempo a sussurrar acaloradamente e, na véspera à noite, até tinham levado a discussão para o quintal gelado e coberto de neve. Mas ela sabia que, quando Nora enfiava uma ideia na cabeça, era só uma questão de tempo até a concretizar.

– Pensa só como o parque deve estar bonito, hoje, coberto de neve – disse Nora, instigando-a assim que saíram debaixo dos olhos de falcão da mãe. – A neve na cidade é evanescente. Estás a ver? Acabei de usar uma palavra dos exames. Anda. Hoje é o dia perfeito.

Ninguém as deteve quando se precipitaram para fora do centro, por uma porta lateral, e correram rua abaixo, à espera de ouvirem chamar os seus nomes. Enfiaram os telemóveis no fundo de um cacifo, para o caso de a mãe verificar a localização delas através do Assédioville (e sendo a mãe como era, verificava *sempre* a localização das filhas).

Louisa hesitou. Os avisos de Melody sobre o Central Park e os seus carreiros escuros, cheios de homens nefastos desejosos de coisas vagamente inquietantes e perigosas, assustavam-na genuinamente. Mas Nora queria encontrar um vendedor de cachorros-quentes e o carrossel e o Castelo Belvedere e outras coisas de que tinham ouvido falar, mas nunca tinham visto. Descarregara e imprimira um mapa antes de saírem de casa.

– Hoje não saímos dos carreiros principais – disse, desdobrando o mapa e apontando para o local assinalado «Memorial dos Campos de Morango<sup>1</sup>». – Começemos por aqui.

<sup>1</sup> No original, Strawberry Fields, área do Central Park dedicada à memória de John Lennon. (*N. do E.*)

Leo Plumb estava perdido. Normalmente não costumava andar pela alta da cidade e o que pensara ser um atalho pelo Central Park levava-o para uma área que não reconhecia. Não ajudava nada o facto de o parque parecer uma zona de calamidade depois da tempestade. A neve e o gelo que se tinham instalado nos ramos ainda folhosos vergaram-nos perigosamente, destruindo ou danificando inúmeras árvores. Muitos dos carreiros do parque pareciam pistas de obstáculos, escorregadios e cobertos de detritos. Os serviços municipais andavam a fazer uma limpeza monumental e o som de serras elétricas ressoava em todos os cantos. Alguns troços estavam vedados com fita policial, exigindo que as pessoas fizessem grandes desvios circulares; Leo ia na direção completamente oposta à que queria.

Olhou para o céu, tentando vislumbrar os bicos e empenas do Edifício Dakota, no flanco ocidental do parque, e situar-se, mas do local onde estava só conseguia ver prédios mais altos e desconhecidos. Leo estava atrasado para o seu compromisso, o que marcara por telefone no dia em que saíra da desintoxicação, para se encontrar com o seu velho amigo Rico no Memorial dos Campos de Morango. Precisava de subir a um ponto mais alto. Antigamente sabia um truque qualquer para descortinar onde estava no parque, uma coisa qualquer acerca dos números inscritos na base dos candeeiros de rua de ferro forjado. Aproximou-se do que estava mais perto. Boa! Uma chapinha de metal fixada à base tinha quatro números gravados: 6107. Significava isso que só estava na Rua 61? Mas o «07» não indicava qualquer coisa também? Do lado oeste, leste ou a meio, carças? Pr'ó diabo com Olmsted<sup>2</sup> e os seus carreiros serpenteantes a imitar o estilo bucólico. Enterrou as mãos nos bolsos e começou a andar numa direção que lhe pareceu ser oeste.

<sup>2</sup> Frederick Law Olmsted (1822-1903), arquiteto paisagista responsável pela conceção do Central Park. (*N. da T.*)

\*

– É fixe – disse Louisa, olhando para o mosaico preto e branco do chão com a palavra *IMAGINE* no meio. Tinha imaginado uma coisa muito diferente, talvez com a cara do John Lennon. Ou Morangos. Ou Campos.

Nora saltitava em bicos de pés, de excitação e de frio.

– Vamos para o interior do parque. Olha só. Está cheio de pessoas e famílias. A casa dos barcos fica ao fundo daquela colina à esquerda.

Nora tinha razão. O parque parecia tudo menos perigoso. Estava cheio de vida e de luz.

– É buliçoso – disse Louisa, evocando mais uma palavra que tinham aprendido nas explicações. – Vai tu à frente.

Despachando-se o mais depressa possível, tendo em conta a camada de gelo que cobria o pavimento, Leo chegou finalmente a um carreiro que conhecia. Agora já conseguia ver o Edifício Dakota. O carreiro estava aparentemente vedado com fita policial e, para lá da fita, um enorme ramo partido de um velho ulmeiro balouçava perigosamente a uns metros do chão. Passou por baixo da fita e começou a correr pelo carreiro acima. Era mais íngreme do que parecia e as solas dos seus sapatos caros eram demasiado finas. Ao contornar uns ramos caídos, passando ao largo do ulmeiro, escorregou numa comprida poça gelada, praticamente invisível, que estalou sob o peso dele e, antes que conseguisse equilibrar-se, sentiu as pernas fugirem do chão e aterrou de rabo. Com força.

– Porra – disse para um bando de pardais que chilreava desenfreadamente nos arbustos em redor. Leo ficou deitado um instante. Transpirava profusamente, apesar de ter as mãos e os pés gelados. Por cima dele, o céu azul vívido desmentia a chegada do inverno; era um céu primaveril, pensou,

um céu promissor. Apeteceu-lhe fechar os olhos e esquecer o seu encontro. (*Encontro? Conseguiu ouvir a voz da sua conselheira da clínica de desintoxicação a falar-lhe ao ouvido, o seu tom trocista, a sua gargalhada familiar. Chamemos os bois pelos nomes, Leo. Vai comprar droga.*)

Quando se sentou, ouviu alvoroço ao cimo do carreiro. Duas miúdas adolescentes apareceram na curva, dirigindo-se carreiro abaixo. Avançavam com a cabeça quase encostada uma à outra; uma ia muito animada, falando depressa e gesticulando, a outra abanava a cabeça e franzia o sobrolho. Leo achou graça à maneira como as miúdas caminhavam tão juntas, quase como se estivessem ligadas por um ombro ou um cotovelo. A loura levantou os olhos, viu Leo sentado a meio do carreiro gelado e imobilizou-se. Leo sorriu para as sossegar, acenou ao de leve.

– Cuidado – gritou. – Isto aqui em baixo escorrega.

A loura fez uma cara assustada e agarrou na amiga, que estava especada a olhar para Leo como – seria imaginação dele? – se o conhecesse. Os três entreolharam-se um instante e, depois, a loura segurou na mão da morena e as duas viraram costas e subiram o carreiro a toda a pressa.

– Ei! – berrou Leo. – Não faço mal a ninguém!

As miúdas apressaram o passo, agarrando-se ao braço uma da outra para se equilibrarem.

Por um instante, Nora e Louisa tiveram a sensação de que Melody organizara a aparição quase mística de Leo, o colocara ali para lhes dizer: *Veem? Veem os sarilhos que estão à espreita no parque? Veem a sorte que têm por eu ser vossa mãe?* Estavam sempre a fazer perguntas sobre os irmãos de Melody, os irmãos que viviam na cidade e pareciam tão exóticos e interessantes, em especial o tio Leo, cuja fotografia aparecia de vez em quando no jornal de domingo, no suplemento *Estilo*, acompanhado por Victoria, a tia delas, cheia de *glamour*. (Louisa tentara tratá-la

por tia Victoria, uma vez, num raro encontro de família, e não percebeu se a tipa teve vontade de se rir na cara dela ou cuspir-lhe para cima.) Melody ficava com ar magoado quando as miúdas lhe mostravam as fotos, o seu rosto turvava-se com um misto de desaprovação e desapontamento. A sua expressão fazia as filhas sentirem-se tão mal que pararam de lhe falar nas fotografias e passaram a escondê-las num *Tupperware* no armário que partilhavam. Às vezes, interrogavam o pai sobre Leo, mas ele limitava-se a dizer: «Ele sempre foi muito simpático para mim. Não é muito virado para a família.»

E ali estava ele, Leo. A esbracejar como uma tartaruga virada de patas para o ar. («Ele não estava a *esbracejar*», disse Nora, corrigindo as tentativas de Louisa para descrever o momento constrangedor, enquanto regressavam a casa de comboio. «Estava a tentar levantar-se. O chão estava coberto de gelo.» Mas Louisa manteve-se firme, ao estilo de Melody; tendo acabado de sair da clínica de desintoxicação, insistiu ela, Leo não devia andar pelo parque. Devia ter ido encontrar-se com os irmãos para almoçarem!) Quando chegaram ao cimo do carreiro, pararam e esconderam-se atrás de uma árvore, para espiarem Leo.

– É mesmo ele – disse Louisa.

– Achas que devíamos dizer alguma coisa? – perguntou Nora.

Louisa hesitou. Também queria falar com Leo, mas achou que era melhor não.

– Ele vai contar à mãe – disse. Nora fez que sim com a cabeça, com a boca cerrada, desiludida. Ficaram imóveis, quase sem respirarem, e observaram Leo durante uns minutos. Ele levantou-se e sacudiu as calças. Sentou-se numa rocha grande.

– O que é que ele está a fazer? – sussurrou Nora, quando Leo cravou os olhos no céu. Gostava que fossem uma família normal. Gostava de poder descer o carreiro a correr, acenando, e de o ver sorrir e rir e de poderem passar o dia juntos. Em vez disso, ali estavam, agachadas atrás de uma árvore. Não sabiam

todos os pormenores sobre a ida dele para a clínica, mas sabiam que tinha havido um acidente qualquer e que fora grave e metera drogas.

– Mas alguém ainda snifa coca? – fora o que Louisa ouvira a mãe dizer ao pai, uma noite, no verão passado.

– Talvez ele tenha vindo comprar droga – comentou Louisa, olhando para Nora, preocupada. – Senão, a que propósito estaria aqui tão longe, precisamente uns minutos antes da hora do almoço?

Leo suspirou e pôs-se de pé a custo, sacudindo gravetos e terra das calças. Sentou-se numa rocha, a avaliar os arranhões com que ficara nas palmas das mãos. Havia qualquer coisa que o estava a incomodar, qualquer coisa relacionada com as miúdas. Ele assustara-as mesmo. Deduzia que a sua queda não fora elegante, mas não lhe entrava na cabeça que pudesse ter um ar perigoso. O que é que as assustara tanto? Nos dias que corriam, provavelmente os miúdos não tinham autorização para andar no parque sem a presença de um dos progenitores, nem sequer adolescentes, nem sequer rapazes. Provavelmente as miúdas andavam naquele preciso instante à procura de um polícia.

*Porra*, pensou Leo. E se andavam mesmo à procura de um polícia? E se pensaram que ele estava bêbado, ou pior, e fizeram uma descrição dele à polícia, que andava naquele preciso instante à sua procura? Não podia ser apanhado com droga. O advogado tinha sido muito claro: *Mantenha-se limpo até o divórcio ser promulgado. Nada de viagens. Nada de gastos suspeitos. Nada de sarilhos.* Leo levantou-se e dirigiu-se para o ponto de onde vinha o ruído do trânsito. No cimo do carreiro, dobrou uma curva e, finalmente, percebeu onde estava ao certo. Central Park West ficava mesmo em frente. Podia mandar parar um táxi, ir diretamente para a Grand Central e chegar a horas ao almoço. Se virasse à direita, estaria nos Campos de Morango em dois ou três minutos.

Hesitou. Por cima dele, soou um guincho de furar os tímpanos. Levantou os olhos e viu três corvos enormes, empoleirados numa das poucas árvores que já perdera as folhas. Crocitavam todos ao mesmo tempo, como se estivessem a discutir acerca do próximo passo de Leo. Precisamente por baixo deles, a meio dos ramos despídos e austeros, e na base de um ramo bifurcado, viu uma massa folhosa cor de lama. Um ninho, uma família. Meu Deus.

Verificou as horas e começou a andar.

